Jorge PALEIKAT

Métodos científicos para determinar a autenticidade e a ordem de publicação dos diálogos platônicos

Para o filósofo que faz questão de compreender o grandioso sistema do maior pensador grego e quer estudar as suas obras, há dois problemas, tão complicados quanto importantes:

1.º — saber quais das obras atribuídas a Platão de fato foram por ele escritas;

2.º — qual a ordem em que o grande filósofo publicou suas numerosas obras.

Portanto, esta redação se divide em dois capítulos: o primeiro trata da autenticidade das obras platônicas; o segundo, da ordem em que foram publicadas.

Capítulo I

A autenticidade dos diálogos platônicos

Platão é um dos poucos filósofos gregos cujas obras em sua totalidade chegaram até nós, se bem que, infelizmente, o número dos chamados livros platônicos seja maior do que a soma dos realmente redigidos pelo filósofo. Já os filólogos antigos sabiam disto e discutiam a origem platônica de certos diálogos atribuídos ao grande pensador.

É evidente que os acadêmicos, os alunos de Platão, após a morte do mestre guardaram cuidadosamente na biblioteca as obras dele, distinguindo quais lhe pertenciam e quais haviam sido elaboradas por outros autores. Atenas, porém, não continuou sendo o foco de cultura grega que foi na época de Platão. Quinze anos depois de sua morte, Alexandre Magno conquistou o reino dos Persas, disseminando a civilização grega pela Ásia e África e desenvolvendo em consequência o período do Helenismo. O centro cultural do mundo, a "civitas mundi", ficou sendo por alguns séculos a cidade de Alexandria, no Egito, capital do reino em que dominava a illustre dinastia dos Ptolomeus. Nesta cidade fundou-se uma

grandiosa e famosa biblioteca do estado, orgulhosa de possuir todos os produtos literários dotados de qualquer importância.

Naturalmente a diretoria desta biblioteca também desejou possuir os diálogos platônicos a fim de incluí-los em suas coleções, tentando assim adquiri-los em Atenas. A biblioteca da Academia, entretanto, não possuía apenas os livros do próprio Platão, mas também os de outros membros da célebre escola fundada por Platão. E não há dúvida que muitos alunos do grande filósofo fizeram redações em que tentaram expor pensamentos do professor Platão. Tais dissertações foram, posteriormente, arquivadas na biblioteca do instituto. Por isso, sem qualquer má intenção dos acadêmicos poderia acontecer que a cópia de um ou outro destes livros de estudantes tivesse chegada à Alexandria, onde, por engano, passasse como cópia genuína de algum diálogo platônico.

Infelizmente, porém, isto nem sempre sucedeu de boa fé. Houve sempre e em todos os tempos ladrões que se socorreram de célebres obras culturais para encher suas bolsas — e o que afirmamos vale, igualmente, para a era alexandrina. Conforme uma notícia fidedigna da Antiguidade (Galeo in Hippocr. de nat. I 42 — XV — 105K) havia muitos gatuños que fingiam ser donos de cópias de afamados livros de escritores de renome, oferecendo-as às diretorias de grandes bibliotecas, as quais, por não possuírem ainda tais livros, vinham comprar as falsificações e pagar por elas preços enormes. Uma referência semelhante se encontra numa outra obra antiga (Simpl. in Cat. 2). Estes negócios deshonestos se tornaram ainda mais rendosos quando foi fundada a biblioteca de Pérgamo. Qualquer ladrão se desempenhava de sua tarefa ilícita de uma maneira muito simples: ao oferecer o seu produto falsificado, ameaçava ao diretor de vendê-lo — no caso de recusa de compra imediata — à biblioteca de Pérgamo. Assim, muitíssimas vezes a biblioteca de Alexandria comprou essas obras falsas e as incluiu na lista de trabalhos de um célebre escritor. Para compreender bem estes negócios excusos, o leitor deve refletir que o pobre diretor da biblioteca de Alexandria não tinha a possibilidade de pedir uma comunicação telefônica urgente com o chefe da Academia de Atenas, com o fito de obter informações sobre a autenticidade de um diálogo, que lhe era apresentado como platônico. A resposta a uma pergunta dirigida de Alexandria a Atenas, chegava somente duas ou mais semanas depois. Portanto, se o vendedor de alguma falsificação se mostrasse apressado e ameaçasse vender o “valioso” livro à biblioteca de Pérgamo, via muitas vezes sua tarefa coroada de êxito, e a biblioteca de Alexandria adquiria o livro platônico que Platão desconhecía... Dêste modo se explica o fato de a antiga coleção

dos diálogos platônicos conter uma porção de obras espúrias.

Naturalmente os filólogos antigos não eram uns perfeitos imbecis. As bibliotecas compravam, por vezes, obras falsas, desaparecendo em seguida os ladrões com o dinheiro roubado. Mas, daí não se segue inelutavelmente que estes livros nunca pudessem ser reconhecidos mais tarde como falsificações. E justamente a respeito dos diálogos platônicos se observa que a crítica filológica na Antiguidade trabalhava com sumo esforço. As grandes bibliotecas não pretendiam ser cemitérios e sim centros de cultura. Nem queriam guardar em suas estantes as obras de Platão, mas desejavam que os filólogos as lessem e fizessem delas edições e cópias. Nem é preciso frisar que estas edições se baseavam nas coleções respectivas das diferentes bibliotecas. Os filólogos trabalhavam, neste sentido, segundo as orientações estatuídas pelas bibliotecas, amparadas, entretanto, pela crítica filológica, isto é, pela razão. Não aceitavam tôdas as obras que uma determinada biblioteca possuísse em suas coleções, mas, com vagar e cuidado examinavam a autenticidade dos trabalhos postos em discussão.

O primeiro filólogo que discutiu os diálogos platônicos, sob este aspecto, parece ter sido Aristófanes de Bizâncio, que trabalhou no princípio do século II a.C. Distribuiu em cinco trilogias as obras de Platão:

- 1.^a trilogia: **República, Timaios, Critias.**
- 2.^a " : **Sofista, Político, Crátilos.**
- 3.^a " : **Leis, Minos, Epinomis.**
- 4.^a " : **Teaitetos, Eutifron, Apologia.**
- 5.^a " : **Criton, Fedon, Cartas.**

Isso significa que nesta coleção falta um grande número de livros indubitavelmente platônicos, ou, com outras palavras, aquele Aristófanes era bastante crítico, o que o levou a deixar fora de sua coleção muitas obras atribuídas a Platão.

No princípio do século I da era cristã foi feita outra coleção das obras platônicas por Trasilos, conforme as nove tetralogias seguintes:

- 1.^a tetralogia: **Eutifron, Apologia, Criton, Fedon.**
- 2.^a " : **Crátilos, Teaitetos, Sofista, Político.**
- 3.^a " : **Parmênides, Filebos, Simposion, Fedro.**
- 4.^a " : **Alcibiades primeiro, Alcibiades segundo, Hiparcos, Rivals.**
- 5.^a " : **Teagês, Cármides, Laches, Lisis.**
- 6.^a " : **Eutidemos, Protagoras, Gorgias, Menon.**

- 7.^a " : **Hípias Maior, Hípias Menor, Ion, Menexenos.**
 8.^a " : **Cleitofon, República, Timaios, Critias.**
 9.^a " : **Minos, Leis, Epinomis, Cartas.**

Compreende-se imediatamente que Trasilos considerava, em relação a Aristófanis, um número maior de diálogos genuinamente platônicos. Isto, porém, não impede que ele tenha deixado uma porção de livros atribuídos a Platão fora de sua coleção, pois Trasilos desempenhou sua tarefa como um verdadeiro crítico, examinando os livros que lhe foram confiados sob o aspecto de sua autenticidade.

Fora da coleção de Trasilos ficaram os presumidos trabalhos platônicos seguintes: **Definições, O Justo, A Virtude, Demócrito, Sísiife, Axíocos, Erixias, Alcíon** — que todos chegaram até nós.

Não foram, também, incluídos nesta última coleção, alguns livros que para nós estão perdidos, mas que ainda existiam na Antiguidade e pretendiam ter saído das mãos do filósofo. Diógenes Laertius e outros escritores mencionavam livros que levam títulos como: **Midon, Faiaces, Chelidon, Hebdome, Epimenides, Cimon, Temístocles** — livros esses que fingiam ser trabalhos platônicos. Entretanto, Trasilos deixando-os de lado ao estruturar sua coleção, vem revelar-nos que ele os considerava falsificações. Alguns sábios antigos foram ainda mais críticos que Trasilos. Proclo pôs em dúvida a autenticidade da **República** e das **Leis**; Panaitios — segundo uma notícia pouco fidedigna — descreu da autenticidade do **Fedon**, e outros ainda julgavam o **Cleitofon**, o **Epinomis**, o **Alcíades Segundo** e os **Rivais** como falsificações, atacando e censurando ao mesmo tempo a coleção do crítico filólogo Trasilos. Quanto a este assunto não se deve esquecer que certos filósofos da Antiguidade próxima pretendiam erigir o nome de Platão como testemunha da verdade de suas próprias teorias; e então, encontrando em algum diálogo platônico doutrinas diversas das suas, eram levados naturalmente a afirmar que o diálogo em questão não poderia ser platônico. A crítica de Trasilos, porém, é muito mais objetiva, merecendo-nos mais respeito que a dos partidários de certos sistemas filosóficos sempre necessitados de um padrinho de renome para que suas elocubrações sejam reconhecidas como verdadeiras.

Aristóteles menciona nas suas obras os títulos de alguns livros que foram considerados por certos filólogos como diálogos platônicos. Trata-se dos títulos **Divisões, O Bem e Teorias** não escritas. Isto, porém, se baseava em um mal-entendido, pois sabemos hoje que estes livros jamais pretenderam

ser obras platônicas, devendo, por isso, permanecer alheios à nossa discussão. Evidentemente, deve ser assim: se Aristóteles menciona o título de um livro sem dizer o nome do seu autor, não nos assiste nenhum direito de considerar tal livro como uma obra platônica. A nossa atual discussão se relaciona exclusivamente aos livros que a Antiguidade nos legou expressamente como obras do grande pensador. Assim, devemos nos limitar apenas ao exame da autenticidade delas.

Por ora voltaremos à organização dos diálogos platônicos feita por Trasilos, bem como aos princípios diretores de sua crítica, que o induziram a excluir de sua coleção mais de uma dúzia de livros que pretendiam ser trabalhos de Platão, e que por ele foram taxados de falsos. Não sabemos, contudo, infelizmente, quais os critérios empregados para discernir as obras autênticas das espúrias. Uma coisa, porém, é certa: Trasilos deve ter tido critérios seletivos de sua inteira confiança.

Que se segue daí? No século passado alguns filólogos alimentaram a intenção de considerar a coleção de Trasilos como um documento incondicionalmente digno de todo o acatamento. No pensar destes críticos todos os diálogos incluídos naquela coleção seriam genuínos e todos os demais que foram dela excluídos seriam falsos. Filólogos posteriores, bem como alguns outros já nossos contemporâneos, não aceitaram este método de "jurare in verba Thrasylli" e passaram a dirigir a atenção também para os diálogos excluídos. Não alimentamos o propósito de atribuir à precipitada sistematização trasilica um absoluto valor negativo, pois, ao nosso ver, cada livro pretensamente platônico que dela foi excluído é de antemão suspeito. Seja como for, mas o fato de um diálogo nela se situar não constitui suficiente garantia de sua verdadeira origem platônica. Como é natural, uma regra conhecemos: os livros da coleção de Trasilos são, com grande probabilidade, genuínos, e só por meio de argumentos formidáveis um ou outro dos diálogos nela incluídos pode ser tido como falso.

Quais são, porém, os critérios que o filólogo tem a sua disposição para determinar se um diálogo é verdadeiramente platônico ou não? Há vários.

Um desses critérios consiste na referência aos acontecimentos históricos. Assim, se um diálogo mencionasse por exemplo a batalha de Iaso que se feriu 15 anos após a morte de Platão, seria reconhecido evidentemente como espúrio. Outras desta natureza, porém, não existem na coleção de Trasilos, que sabia não poder Platão falar em sucessos posteriores ao seu desaparecimento. Tira-se, no entanto, desta parte algo de muito importante para a metodologia: o citado critério é

dotado apenas de um valor negativo, servindo para determinar somente a falsidade de um diálogo, se bem seja destituído de qualquer valor positivo. Desta maneira, se algum diálogo se referir a acontecimentos históricos da época platônica ou de eras anteriores ao filósofo e passíveis de serem conhecidas por este, não se poderá decidir se o diálogo respectivo é falso ou autêntico, visto que o falsificador poderia ser dono de bons conhecimento de história. A menção exata a acontecimentos históricos não é, por isso, prova segura da origem platônica de algum livro,

Outro critério é o de tema filosófico de um diálogo: se o assunto concordar com a filosofia platônica, o diálogo é genuíno; em caso contrário, é falso. Este princípio orientador, todavia, gera um círculo vicioso, pois que para saber qual é a filosofia platônica devemos possuir obras autênticas do pensador, que nos permitam conhecer sua filosofia. E agora o que queremos é determinar a autenticidade dos diálogos por intermédio da concordância dos seus temas com a filosofia platônica!

Outro critério é a elevação espiritual de um diálogo que pretenda ser de origem platônica. A obra em foco pode ter um nível espiritual muito baixo; pode abrigar contradições contra si mesma; pode tecer suas considerações em torno de um tema pouco expressivo; e, em última análise, pode ser de uma tal inferioridade que o crítico seria levado a decidir que o diálogo em exame não é de Platão. Este critério também se transforma num círculo vicioso, porque inicialmente se deve conhecer a elevação espiritual de um livro platônico para se decidir se a obra discutida tem-na ou não, ou, em outras palavras, devemos saber com certeza que alguns diálogos são indubitavelmente platônicos a fim de poder comparar o grau de espiritualidade deles com o dos diálogos duvidosos.

Ademais, quem nos daria a norma para aferir da espiritualidade de um diálogo? O gosto subjetivo do leitor. E' claro que um tal critério é destituído de grande valor. Além disso, na coleção de Trasilos encontram-se diálogos de vários graus de espiritualidade. Poderíamos nós escolher alguns e passar a considerá-los como criações típicas do gênio platônico, declarando ao mesmo tempo que os demais diálogos, a eles inferiores, constituem falsificações? Seria um absurdo. Platão é escritor desde sua mocidade e escreveu diálogos de diferentes valores, não nos assistindo, pois, o direito de afirmar que o Laches não é obra de Platão pelo único motivo de não ter atingido a elevação espiritual e a importância filosófica da República. Se assim fizéssemos, cometeríamos uma rematada loucura. Mas, o argumento principal contra este

critério é o seguinte: pode-se falar em inferioridade de tema apenas quando um diálogo não tem influência alguma sobre nossa compreensão do sistema filosófico platônico, isto é, na caso dos diálogos da mocidade do autor. O que nos interessa, todavia, é a autenticidade dos grandes diálogos sistemáticos, daqueles que o autor escreveu como homem maduro. Os nossos filólogos, por esta razão, procuram ater-se ao critério da linguagem e do estilo de um diálogo para determinar sua origem platônica. Também este critério é precário. Na verdade, é nos permitido afirmar que em primeira linha Trasilos sabia mais grego que nós todos juntos e que ele igualmente era capaz de aplicar tal critério quando elaborou sua sistematização. Mas, supondo que ele tivesse errado ou deixasse propositadamente esta tarefa para nós: que nos poderia revelar o estilo? Não só quase nada nos revela, como ainda nos leva a incidamos num círculo vicioso. A fim de que possamos usar com segurança o critério do estilo e da linguagem, é mister que conheçamos primeiramente o estilo de Platão, a que nos é possível apenas por intermédio de certos diálogos indubitavelmente platônicos.

Vamos discutir mais uma vez o problema do estilo no segundo capítulo.

Portanto, todos estes critérios apontados têm apenas valor relativo. Cada qual é dotado de certa utilidade e auxilia, por mais eficientemente, o trabalho do filólogo; nenhum, porém, possui valor decisivo e absoluto.

Felizmente há um critério que ultrapassa em muito a lógica dos critérios discutidos. E' o que consiste em evidências feitas por autores da Antiguidade e de cuja competência não é lícito duvidar. Entre estes, não podemos contar Trasilos. Temos-lhe profunda veneração e grande respeito por sua crítica filológica, sendo contudo inegável por outro lado que entre Trasilos e Platão medeia um espaço de quase mil anos. Daí se segue que Trasilos está prêso às suas deficiências lógicas, mas, quanto aos fatos, ele depende de fontes remotas. Temos, todavia, outras notícias de um contemporâneo de Platão, que deve ser tido por suas próprias observações como competente e bem informado. E' Aristóteles, o mais atento e também o maior adversário de Platão.

Aristóteles foi, durante vinte anos, membro da Academia. As obras do Stagirita são a base de nossas pesquisas à respeito da questão da autenticidade dos diálogos platônicos. Quando Aristóteles entrou para a Academia, Platão se encontrava na velhice. O novo aluno, entretanto, encontrou na biblioteca da Academia os livros que o filósofo escrevera anteriormente à sua partida, lendo-os sob a direção dos acadêmicos que eram alunos pessoais de Platão, incapazes, pois, de

propos ao jovem Aristóteles obras espúrias. Ao voltar Platão Aristóteles se tornou membro da Academia, nela permanecendo até a morte do mestre. Teve, portanto, muitas oportunidades para pessoalmente constatar quais os diálogos que foram redigidos por seus colegas. Dêste modo, era impossível que Aristóteles confundisse as obras pessoais de Platão com as dos seus alunos. Certamente, tal não é provável, se bem que não seja, igualmente, de todo impossível que Platão tivesse escrito um ou outro diálogo na Sicília. E se assim fosse, ainda neste caso o traria para Atenas e, mostrando-o aos seus amigos, pô-lo-ia em discussão com seus alunos da Academia. E Aristóteles ficaria informado sobre os diálogos que Platão talvez não tivesse redigido na cidade de Atenas. Logo Aristóteles deveria ter conhecido todos os autênticos diálogos platônicos e também tôdas as redações dos demais acadêmicos seus contemporâneos. Impossível, pois, uma confusão de sua parte.

Exemplo disso é a menção do título de um livro platônico perdido, as *Divisões*. Aristóteles, ao mencionar esta obra não diz expressamente ser ela da autoria de Platão. Trata-se, segundo apurou a filologia moderna, de um livro que contém pensamentos platônicos e cujo autor não foi o filósofo e sim um seu aluno. Por meio desta reflexões podemos deduzir a seguinte regra: **A autenticidade de um diálogo, quando Aristóteles a sanciona em alguma de suas obras, atribuindo-o expressamente a Platão, é absolutamente certa.**

Naturalmente cabe-nos discutir ainda e solver algumas pequenas dificuldades. Em primeiro lugar é claro que esta regra que acabamos de estatuir não pode ser invertida, isto é, não se pode afirmar que um diálogo com pretensões a platônico não mencionado por Aristóteles, deva ser absolutamente falso. O certificado de autenticidade que o Stagiritico fornece com relação a certos diálogos platônicos constitui um documento de decisivo valor positivo. Sua falta, porém, não prova. E diálogos cuja origem platônica Aristóteles não atesta, tanto podem ser falsos como genuínos. Isto se explica se tivermos em vista os motivos pelos quais o peripatético é levado a se referir aos trabalhos de Platão em seus próprios livros. Aristóteles é o pai da história da filosofia e não a bibliografia filosófica ou da literatura científica. Na verdade, fala êle seguidamente sobre as teorias dos outros filósofos e bem pouco sobre os livros dêles. Diante do sistema platônico Aristóteles assume uma posição especial. A filosofia platônica é a base do sistema aristotélico, mas o Stagiritico não só apresenta uma nova edição do platonismo como também realiza um enorme trabalho científico pessoal mediante os pensamentos próprios e peculiares. Esta posição especial

obriga-o a censurar, modificar e corrigir a teoria do mestre em muitos pontos essenciais, observando-se em consequência disso o seguinte: quando Aristóteles, numa de suas obras, discute alguma doutrina platônica, menciona repetidas vezes o diálogo em que a teoria levada à discussão foi exposta por Platão. Estas referências são os certificados a que atribuímos enorme valor com relação ao problema da autenticidade dos diálogos platônicos. Aristóteles, porém, jamais teve ocasião para elaborar um catálogo ou uma coleção completa das obras platônicas. Dentre os seus contemporâneos interessados na relação sucinta dos trabalhos de Platão, a Biblioteca da Academia poderia prestar valiosas informações. Para Aristóteles mesmo os diálogos platônicos eram dotados de grande valor, pois não foi dêles que auferira seus conhecimentos da filosofia platônica. Esta foi por êle assimilada não através das obras platônicas, mas durante as próprias aulas dadas pelo mestre Platão. E é isto que os livros aristotélicos manifestam com clareza.

Na *Tópica* (VI — 2 — 140) Aristóteles atribui a Platão algumas expressões que não se encontram em nenhum diálogo por nós conhecido. Dêste fato, filólogos quiseram concluir que estas afirmações deveriam estar contidas num ou nalguns diálogos platônicos que não chegaram até nós. Não podemos, contudo, crer em diálogos platônicos autênticos e perdidos. As bibliotecas de Alexandria e Pérgamo compraram todos os livros de origem platônica e preferiram mesmo adquirir falsificações a correr o risco de perder um diálogo seguramente comprovado verdadeiro. E não pode restar a mínima dúvida de que tais bibliotecas eram aptas para obter em Atenas tôdas as obras autênticas do grande filósofo. Quando mais tarde Trasilos elaborou sua coleção famosa, teve à sua disposição não somente todos os diálogos genuínos de Platão como também várias falsificações. E já sabemos que alguns os por êle considerados falsos, aceitando os que ao parecer eram autênticos. Esta sistematização de Trasilos, como tôdas as obras nela referidas, chegou até nós perdendo-se apenas alguns poucos diálogos que haviam sido estudados como espúrios. E as demais falsificações postas à margem, também se mostraram, quase à evidência, como tais. Inconcebível, portanto, é a possibilidade de Trasilos ter conhecido todos os diálogos autênticos, e mais inconcebível ainda é a outra possibilidade, a de ter deixado de lado alguns genuínos. Trasilos em suas críticas foi mais tranqüilo do que severo, pois sua coleção contém algumas obras bastante duvidosas, ao passo que as excluídas e por nós consideradas falsas, de modo algum podem ser tachadas de autênticas. Logo, por isso, o direito de concluir todos os genuínos diá-

logos platônicos mencionados na elaboração de Trasilos chegaram até nós. E assim todos os diálogos conhecidos por Aristóteles são igualmente conhecidos por nós.

Como então pôde Aristóteles na **Tópica** mencionar expressões platônicas que se não encontram em nenhum dos trabalhos de Platão? É muito simples responder a esta pergunta: Aristóteles sabia um pouco mais que nós; não conhecia um maior número de trabalhos do mestre do que é do nosso conhecimento, mas sabia o que nós não sabemos e o que para sempre ignoraremos — o que aprendera no contato vivo de Platão, ao assistir às suas aulas e conferências.

Evidentemente Platão fazia em suas preleções afirmações que não estampava depois em seus livros. Qual o orador que escreve tudo o que diz oralmente? Não há dúvida que Aristóteles, durante os muitos anos que conviveu com Platão, teria de ter ouvido uma ou outra declaração não escrita pelo filósofo em seus livros. O que equivale a dizer: Aristóteles sabia de certos pensamentos platônicos desconhecidos tanto por Trasilos como por nós, pensamentos que eram do puro conhecimento dos alunos de Platão. É por esta razão que o trecho mencionado da **Tópica** é tão interessante para nós, pois ele prova que Aristóteles, falando em Platão, pensa a primeira linha nas aulas dêle, desempenhando, pois, os diálogos do professor mero papel subsidiário.

De que maneira, entretanto, devem ser feitas menções a diálogos platônicos para terem valor para nós? Fazemos esta pergunta porque, se Aristóteles apenas menciona o título de um livro sem acrescentar com clareza o nome do seu autor, isto não tem valor algum para a solução do problema que ora nos preocupa. A melhor maneira de mencionar, neste sentido, um diálogo, é dizer o título dêle juntamente com o nome do seu autor pronunciado com toda a clareza.

Aristóteles diz, por exemplo, em **De anima** (I — 404 16-17) o seguinte: "Da mesma maneira também Platão e Timaios forma a alma dos elementos". Esta frase constitui uma prova evidente que o **Timaios** é um autêntico diálogo platônico. Assim, a autenticidade de todos os diálogos citados de idêntica maneira ou de modo semelhante é garantida.

Por vezes Aristóteles, ao se referir a diálogos platônicos, emprega linguagem diversa. Diz êle, por exemplo (**gen. corr.** II — 9, 335 b 9): "Alguns consideram a natureza das idéias como causa suficiente de desenvolvimento, como Sócrates no **Fedon**". É claro que Aristóteles usa aqui "Sócrates" como sinônimo de "Platão" porque sabe que na maioria dos diálogos platônicos Sócrates desempenha o papel de personagem principal incumbida de proferir os próprios

pensamentos platônicos. O que distingue perfeitamente o Sócrates histórico do Sócrates idealizado dos diálogos platônicos, é o que demonstra na **Metafísica** (1078 b), onde expõe detalhadamente as diferenças entre a filosofia socrática e a doutrina platônica. Ademais, na **Política** (126 — 1 a 4 e segs.) está a seguinte: "Pode ser, pois, que os cidadãos tenham em comum os filhos, as mulheres e os bens como na República de Platão, onde Sócrates afirma que as mulheres, os filhos e os bens devem ser comuns". Esta frase é uma prova iniludível de que Aristóteles sabe que Sócrates expressa os pensamentos platônicos nos diálogos de Platão. Donde se conclui: quando Aristóteles atribui o tema de um diálogo a Sócrates, a origem platônica do respectivo diálogo está provada. Interessante é que Aristóteles (**Política** — II — 1265 a) atribui a Sócrates, também o assunto das **Leis**, apesar de ser este diálogo o único em que Platão não faz comparecer em suas páginas o querido mestre, nem como personagem principal, nem como interlocutor ou mesmo ouvinte. Para o Stagirita, isto não tinha importância. Aristóteles é uma natureza profundamente fria, diríamos, até, prosaica. Não se entusiasma pela veia poética de seu mestre, nem se deixa arrastar pela forma sublime dos diálogos platônicos. Aristóteles tomou como objeto de suas meditações apenas o conteúdo lógico e científico da filosofia platônica. Paulatinamente foi se acostumando ao fato de Sócrates constituir, sob uma roupagem poética, a pessoa principal dos diálogos platônicos, passando então a empregar indistintamente como sinônimos os nomes "Sócrates" e "Platão", ao abordar, em atitude crítica, os temas dialogais de Platão. Este hábito, entretanto, prega-lhe uma peça ao fazer a discussão das **Leis**, por êle atribuídas a Sócrates, visto que — como dissemos — Sócrates é a figura principal de todos os diálogos.

Por vezes Aristóteles se refere a um diálogo sem pronunciar o título. Transcrevendo, porém, algum trecho, possibilita a exclusão de qualquer dúvida quanto à identificação do livro referido. Encontra-se na **Política** (II — 1262 b — 1263 a), por exemplo, o seguinte: "Nós, pois, consideramos a amizade como o maior dos bens dados aos Estados: Onde há amizade haverá pouquíssimas perturbações. Sócrates, também, abriga muitíssimo a unidade do Estado, considerando-a como produto da amizade, segundo o que ouvimos dizer a Aristófanes no discurso sobre o amor: os que amam, por amor veemente, querem se tornar pressas um do outro, fazendo um só os que são dois". Esta passagem atesta, evidentemente, a autenticidade de dois diálogos: da **República**, onde Sócrates declara que o Estado deve constituir-se na unidade, e do **Símposion** composto de discursos sobre o

amor e no qual Aristófanes assevera que os amantes desejam fundir-se um no outro, demonstrando Sócrates ao mesmo tempo, pela sua só presença, que pelo menos não é adversário do orador. Aristóteles supõe a esta altura que seus leitores conheçam o *Simposion* e que entendam a expressão "discursos sobre o amor".

Alguns outros diálogos recebem a marca da autenticidade de um modo menos direto. De vez em quando, ao discutir determinada teoria científica, Aristóteles se limita a declarar que a teoria posta em exame é de autoria de Platão, omitindo o nome do diálogo em que a mesma se encontra. Neste caso devemos supor em primeiro lugar que o Stagirita pense, não em certo trabalho platônico e sim nalguma aula de Platão. Mas, se a teoria mencionada se encontra de fato nalgum diálogo, ou se a frase transcrita está inserta verbalmente — quando não apenas o sentido — em diálogos por nós possuídos, que nos incumbe fazer? Em tal emergência cumpre-nos distinguir dois casos: ou a frase em questão pode situar-se em vários diálogos ou num só. Se ocorre a primeira hipótese, é destituída de qualquer valor para a autenticidade dos diálogos platônicos. Assim, torna-se evidente que um ou outro dos diálogos que contém a frase ou teoria referida pode estar adulterado, impossibilitando-nos decidir a qual diálogo Aristóteles alude. Certamente a sua referência é dirigida a um diálogo autêntico; mas, como sabermos qual é, dentre os diferentes trabalhos que incluem a mesma frase, o autêntico? Causa diversa, porém, sucede se um único diálogo contém a frase ou a teoria mencionada, pois neste caso, pelo menos há certa probabilidade de ser este trabalho realmente autêntico.

E' claro que a autenticidade de tais diálogos, indiretamente referidos por Aristóteles, não tem a seu favor a mesma garantia de autenticidade dos diretamente mencionados. E' a seguinte a diferença; contra a autenticidade dum diálogo diretamente citado por Aristóteles, não há nem jamais pode haver argumento lógico algum. Tais diálogos certamente são autênticos, ao passo que os indiretamente citados são provavelmente genuínos, se bem que certos argumentos de ordem lógica nos possam provar o contrário. Naturalmente estas provas deverão ser escudadas em argumentos fortíssimos, pois na falta deles prevalece a autenticidade dessas obras.

Como quer que seja, as obras de Aristóteles nos apresentam uma coleção de diálogos platônicos de autenticidade irrefutável e absoluta. Usando tais diálogos como base para o prosseguimento de nossa pesquisa, poderemos provar a autenticidade dos demais diálogos, cuja origem não foi atestada pelo Stagirita, pelo menos com absoluta certeza. Todas as

critérios que refugamos no início por insuficientes adquirem agora um valor relativo e prestam-se a servir-nos de valiosos auxiliares. Conhecendo uma série de diálogos, indiretamente autênticos, antolha-se-nos a possibilidade de comparar-lhes os temas e os estilos com o tema e o estilo dos autênticos, tirando daí as conclusões.

Nosso método, porém, que se baseia nos testemunhos aristotélicos, fornece-nos mais um critério. Os diálogos que pretendem foros de autênticos por vêzes se relacionam reciprocamente, citando-se uns aos outros. Sem um critério básico, isto, evidentemente, não tem valor algum e nos leva a um círculo vicioso como mencionar um diálogo duvidoso a um outro também duvidoso. Possuindo, todavia, mediante o testemunho de Aristóteles, uma coleção de diálogos indubitavelmente genuínos, podemos tirar importantes conclusões: se um diálogo, cuja autenticidade é insuspeita, se refere de qualquer maneira a um outro, que é duvidoso, a autenticidade deste último fica resguardada.

A filologia empregou todos estes critérios, desdobrando suas conclusões a respeito dos diálogos platônicos. Queríamos — se nos fôsse possível — conduzir o leitor ao gabinete de trabalho do filólogo, a fim de mostrar-lhe seus métodos e minúcias técnica. Apresentaremos agora somente os resultados principais dos trabalhos científicos realizados neste terreno.

Hoje são geralmente reconhecidas como autênticas as seguintes obras platônicas: *Eutifron*, *Apologia*, *Citron*, *Fedon*, *Crátilos*, *Teaitetos*, *Sofista*, *Político*, *Parmênides*, *Filebos*, *Simposion*, *Fedro*, *Charmides*, *Laches*, *Eutidemus*, *Protágoras*, *Gorgias*, *Menon*, *Hípias Menor*, *República*, *Tímaios*, *Crítias*, *Leis*.

Alguns argumentos foram opostos contra os diálogos: *Lisis*, *Hípias Maior*, *Ion*, *Menexenos*, *Epínomis*. Eles, no entanto, são com grande probabilidade também autênticos.

Com muitas probabilidades são falsos estes diálogos: *Alcibiades Primeiro*, *Hiparcos*, *Cleitofon*, *Minos*.

Com certeza quase absoluta são falsos: *Alcibiades Segundo*, *Rivais* e *Teagês*.

Opiniões divergentes colidem entre os especialistas sobre as cartas atribuídas a Platão. Não constituem elas uma unidade, mas formam uma coleção, podendo mesmo haver algumas que sejam falsas e outras, autênticas. Todas estas obras discutidas por nós estão, também, incluídas na coleção de *Trasilos*. Os livros que *Trasilos* excluiu e que não obstante chegaram até nós, são, em qualquer exceção, considerados pelos filólogos como espúrios. Ou, com outras palavras: *Trasilos* não deixou fora de sua coleção nenhum diálogo genuíno.

De acôrdo com os trabalhos da crítica filológica, os diálogos insertos na coleção de Trasilos se dividem em 4 grupos:

- 1.º Grupo: 23 diálogos indubitavelmente genuínos.
- 2.º " : 5 diálogos de autenticidade grandemente provável.
- 3.º " : 4 diálogos de falsidade também grandemente provável.
- 4.º " : 3 diálogos quase que com certeza absoluta falsos.

Deixando por ora à margem de nossa discussão as precipitadas cartas, cumpre-nos constatar o fato seguinte: todos os diálogos importantes e volumosos pertencem ao primeiro grupo. E estes diálogos fornecem ao historiador da filosofia um panorama geral do sistema platônico. Os diálogos dos grupos restantes, inclusive os postos à margem da coleção trasilica e que chegaram até nós, são livros relativamente pequenos dotados de certa importância filológica e histórica, mas cujo valor para a compreensão da filosofia platônica é quase nulo. Alguns se desenvolvem em torno de um tema insignificante e trivial; outros exprimem pensamentos já contidos nos diálogos do primeiro grupo. Daí concluímos: nenhum destes diálogos duvidosos seria capaz de modificar a nossa interpretação do sistema filosófico platônico em pontos decisivos e importantes.

O que acabamos de dizer queremos explicar mediante um exemplo concreto: o anteriormente mencionado pequeno diálogo *Menexenos* desfere um golpe mordaz contra a retórica e os oradores que estudaram com os sofistas. Estamos persuadidos de que este diálogo é autêntico. Se, porém, os poucos filólogos que negam a origem platônica deste diálogo tivessem razão, ter-se-ia perdido algo? Não, nada teríamos perdido. Platão expõe suas opiniões sobre os oradores contemporâneos e os sofistas num grau suficiente tanto no *Fedro* como na *República* e até em outros diálogos indubitavelmente genuínos, fato que nos dispensa do *Menexenos* para saber que ele condenou a retórica dos sofistas. O mesmo vale, aproximadamente, para todos os diálogos duvidosos: nenhum deles tem uma importância decisiva para a compreensão da filosofia platônica.

A única exceção a esta regra fariam as cartas, que a Antiguidade atribuiu a Platão, se bem que a origem platônica delas tenha sido defendida por uns com grande ardor e atacada por outros acerbamente. Devemos, por isso, dizer algo a respeito.

Chegou até nós uma coleção das assim chamadas cartas platônicas em número de 18. A primeira delas não foi escrita

por Platão e sim por Dion, amigo siracusano do filósofo, e foi dirigida ao tirano Dionísio de Siracusa. Se esta carta fôsse autêntica teria valor histórico, meramente, e nenhum filosófico. As 17 restantes pretendem ser escritas por Platão e dirigidas a várias pessoas contemporâneas. Algumas não versam sobre temas filosóficos: se fôsses autênticas, o único valor que teriam seria um valor biográfico, jamais trazendo contribuições para a compreensão do sistema filosófico platônico.

Esta assertiva, contudo, não se estende a todas as cartas supostas da autoria de Platão, pois algumas abordam determinados temas filosóficos cuja interpretação não só nos parece bastante importante como também complexíssima.

Tais cartas, pois, contém certas exposições filosóficas que apesar de não contradizerem diretamente à filosofia platônica conhecida através de diálogos autênticos, não se encontram em nenhum outro diálogo, despertando mesmo em nós certas reminiscências do neoplatonismo surgido no século III da era cristã. Foi este o motivo por que muitos filólogos declararam que as cartas devem constituir falsificações dos neoplatônicos que tentariam assim provar que Platão já devia ter tido pensamentos análogos aos deles. Seria esta uma razão convincente, se não dispuséssemos de fonte que referem tais cartas misteriosas a um período anterior ao neoplatonismo. Trasilos elaborou sua coleção de obras platônicas antes da época neoplatônica, nela incluindo as cartas. Aristófanes compôs seu catálogo das obras platônicas 200 anos antes de Trasilos e nele igualmente incluiu estas cartas. Ademais, Cícero e Plutarco falam nas cartas de Platão, e também viveram eles num tempo anterior ao do aparecimento do neoplatonismo. Em suma: estamos diante de um enigma. Perante os testemunhos da Antiguidade é difícil negar simplesmente a autenticidade das cartas, se bem que seja ainda mais difícil supor que Platão já aninhasse em seu cérebro pensamentos dos neoplatônicos, pois se os tivesse tido — como afirmam os defensores da autenticidade delas, naturalmente — seria quase inconcebível que o filósofo que escreveu tantos diálogos não encontrasse tempo para expor estes novos pensamentos em todos os seus detalhes nalgum diálogo, limitando-se a fazê-lo em restritas linhas e em cartas cuja finalidade natural, provavelmente, era não se tornarem públicas. Mesmo que o autor tenha previsto a publicação das mesmas, não se pode avançar que fôsse sua intenção propagar teorias filosóficas desta forma, resumindo uma tão complexa doutrina filosófica em poucas frases.

Ao nosso ver há duas soluções para o problema da autenticidade das cartas platônicas: A primeira é a seguinte: o

fato de vários filólogos e escritores gregos, já antes da fundação da Escola Neoplatônica, conhecerem as cartas platônicas constitui uma prova de que nem tôdas as cartas podem ser tidas como falsas, não sendo, por outro lado, prova de que as possuamos tais quais as possuiu Trasilos. Acrescentar algumas frases a uma carta autêntica não era difícil a um hábil falsificador. Fácilimo, também, juntar uma pequena carta a uma coleção. Julgamos bastante provável a existência de genuínas cartas platônicas. Na verdade seria estranhável que a Academia não houvesse guardado um ou outro documento da correspondência do célebre fundador. Posteriormente estas cartas teriam vindo perfazer a coleção das obras platônicas. Acrescentar a estas cartas algumas frases com o fito de atribuir a Platão pensamentos neoplatônicos era tarefa mais fácil que interpolar período a um diálogo ou mesmo redigir um diálogo inteiro. O que acabamos de dizer constitui, pois, uma tentativa de explicação da maneira pela qual pensamentos e doutrinas filosóficas não esposadas por Platão, poderiam ter se imiscuído, sob a forma de pequenos trechos e frases curtas, nas suas cartas.

Outra solução: Platão escreveu de fato as frases discutidas, mas não com o propósito de expor alguma doutrina filosófica de importância — que isto éle o teria feito em algum belo diálogo — mas antes com o intuito de tornar sua filosofia acessível a uma inteligência vulgar. E esta atitude teria sido taxada, mais tarde, de neoplatonismo. Em que consiste este neoplatonismo que floresceu em Alexandria no terceiro século da era cristã?

O nome já indica que os representantes desta filosofia queriam ser platônicos e cultivar a filosofia do grande pensador tal como eles a entendiam e interpretavam, desenvolvendo-a e enriquecendo-a naturalmente mediante a contribuição de outros elementos intelectuais. Se esta Escola foi um progresso ou um retrocesso em comparação com o verdadeiro platonismo, é o que não queremos decidir de momento. Basta dizer que há historiadores de filosofia que julgam o neoplatonismo como um platonismo degenerado. E se assim é, por que Platão não poderia ter previsto esta corrupção do seu sistema, e por que não poderia, também, sob uma forma trivial e mesmo infantil, oferecer uma visão panorâmica de sua grandiosa filosofia a uma pessoa incapaz de compreendê-la? O autor do *Symposium* recomenda, através do discurso que põe na boca de Aristófanes, à gente inculta, a religião vulgar. No *Fedon* aconselha aos que não são capazes de estudar filosofia, o exercício da religião vulgar, acenando-lhes com a felicidade de segundo grau no Além. Jamais, porém, Platão disserta com minúcias sobre doutrinas religiosas vulgares. Por que,

então, seria impossível que redigisse uma exposição banal de suas doutrinas a algum paspalhão incapaz de aprendê-las em sua grandiosidade? Na ocorrência desta hipótese — verdade seja dita — não haveria para Platão razão alguma para expor nalgum diálogo pueril o seu sistema filosófico. Tratar-se-ia, então, de uma explicação dirigida a um único indivíduo e não uma dissertação teórica propriamente dita. O neoplatonismo, entretanto, sob este aspecto, sofreu um retrocesso e passou a considerar esta expressão estilística comum como um progresso e aperfeiçoamento. Há mesmo adoradores deste neoplatonismo, capazes de afirmar que Platão, nestas cartas, ultrapassou seu sistema, todo éle exposto sob uma forma vulgar e mais acessível aos incultos. Isto se torna ainda mais claro quando se lê o nome da pessoa a quem é dirigida uma destas cartas filosóficas: ao tirano Dionísio o Moço, de Siracusa, que convidou Platão para viver em sua corte, estudando com éle, a princípio com grande ardor e terminando, finalmente, com hostilidade.

Não é provável que Platão, tendo discípulos como esse Dionísio, falasse muitas vezes da maneira por que o fez na carta discutida? Não acreditamos que o tirano fôsse capaz de entender os verdadeiros pensamentos do grande filósofo. Muito pelo contrário; o que nos parece mais acertado é que só pudesse receber uma explicação das teorias platônicas na forma verdadeiramente infantil em que está vasada a carta em foco.

Não temos a intenção de decidir definitivamente qual das duas soluções propostas é a verdadeira; nem queremos entrar em pormenores relativos ao problema da autenticidade destas cartas. Pessoalmente julgamos algumas destas cartas como genuínas, se bem que realmente o que desejamos exprimir é o seguinte: as cartas também não são capazes de exercer qualquer influência sobre a nossa compreensão do sistema platônico, pelo menos quanto aos seus aspectos mais incisivos. Nossa interpretação do platonismo se baseia e sempre se há de fundamentar nos 23 diálogos indubitavelmente genuínos. E todos os demais diálogos, tanto quanto as cartas, são destituídos de qualquer importância a respeito da filosofia platônica. Os diálogos duvidosos têm, entretanto, valor histórico. As cartas talvez possam, por seu turno, fornecer-nos notícias sobre a vida e a sorte do filósofo. Como quer que seja, compreensão do sistema filosófico e científico de Platão, só a conseguimos por intermédio dos seus diálogos autênticos.